

16/8/93

Partidos políticos não-armados preocupam-se com recentes ameaças de regresso ao belicismo

O presidente da Renamo, Afonso Dhlakama, disse compreender a «preocupação» dos partidos não-armados de Moçambique face às recentes ameaças dirigidas pela sua organização à Frelimo, afirmou em Maputo uma fonte da oposição.

Afonso Dhlakama expressou o seu sentimento durante um encontro mantido em Maringué com uma delegação representativa do «Grupo dos 12», que se deslocou ao Quartel-General da Renamo expressamente para se esclarecer das ameaças bélicas proferidas por aquela organização.

«É compreensível esta preocupação. Satisfeitos ficámos quando ela vem da parte dos próprios moçambicanos» — disse o presidente da Resistência Nacional Moçambicana (Renamo) durante um encontro de cerca de uma hora com uma «Comissão Técnica do Grupo dos 12».

O porta-voz daquele gru-

po político disse que Dhlakama renovou a acusação à Frelimo de estar a «pressionar» a Renamo para voltar à guerra, mas acrescentou que o seu movimento «tudo fará para não perder a paciência».

«A Frelimo está a provocar deliberadamente a Renamo para esta reiniciar a guerra a fim de evitar a realização de eleições multipartidárias», acusou Dhlakama.

Chissano sabe que não vai enviar os seus filhos para a frente de combate, nem serão os filhos de Dhlakama a combater a Frelimo, mas sim vão morrer pessoas inocentes», anotou o líder da oposição armada.

Segundo Casimiro Nhamithambo, Afonso Dhlakama perguntou aos «12» dos porquês de tanta preocupação com as ameaças da Renamo e não com os ataques que o Governo lança contra as posições da sua organização.

Nhamithambo disse se-

rem «compreensíveis» os argumentos da Renamo e anunciou que o «Grupo dos 12» vai diligenciar para um encontro com o presidente da República, para ouvir a posição governamental.

A Comissão Técnica da oposição não-armada constatou carências «dramáticas» de alimentos nos campos da Resistência Nacional Moçambicana, «apesar das vias terrestres estarem desminadas».

«Visitámos um armazém completamente vazio, fomos a um orfanato com 90 crianças sem alimentos mas estavam lá dois camiões provenientes da Beira. Segundo residentes de Maringué eram os primeiros nos últimos três meses», disse Nhamithambo.

«Aquela comida que está a ser descarregada daqueles camiões terá de ser paga com o «Trust Fund», não se trata de ajuda alimentar humanitária», disse na altura Dhlakama.

O líder da oposição frisou que o Governo de Maputo

está a utilizar a base comida como forma de pressão para obrigar os civis a abandonar as zonas controladas pela Renamo».

A delegação dos «12» disse ter-se movimentado recentemente num raio de 20 quilómetros a partir da zona «presidencial», de carro, com um guia, em sítios à escolha dos visitantes.

«Notámos uma diferença de noite para dia relativamente ao que ouvi dos relatos dos jornalistas que frequentemente visitam Maringué em serviço» — disse Nhamithambo — para depois acrescentar que reconheceu pessoas que saíram das zonas controladas pelo Governo de Chissano para as de jurisdição da Renamo.

«A sede distrital de Maringué já não existe, foi arrasada por bombardeamentos aéreos da aviação combinada do Exército go-

vernamental moçambicano e do Zimbabwé», recordou.

O porta-voz do «Grupo dos 12» disse ainda que o líder guerrilheiro moçambicano desmentiu alegações do Governo de que é proibida a actividade política de outros partidos nas zonas sob controlo da Renamo.

Nhamithambo referiu que a oposição não-armada vai começar a desenvolver actividade política nas zonas sob jurisdição da Resistência Nacional Moçambicana.

Segundo aquele responsável político, a grande preocupação dos «12» é a parcialidade de alguns jornalistas e órgãos de Informação, que «preferem trabalhar para satisfazer o patrão e não a verdade».

Para o porta-voz do «Grupo dos 12» este tipo de jornalismo agita os partidos armados e não ajuda a consolidar a paz desejada.